



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**DESENVOLVIMENTO RURAL E
SEGURANÇA ALIMENTAR**

**AGROINDUSTRIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS NO ESPAÇO RURAL:
UM OLHAR SOBRE FOZ DO IGUAÇU (PARANÁ)**

ANE CRISTINE LOPES

Foz do Iguaçu
2015

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**DESENVOLVIMENTO RURAL E SEGURANÇA
ALIMENTAR**

**AGROINDUSTRIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS NO ESPAÇO RURAL:
UM OLHAR SOBRE FOZ DO IGUAÇU (PARANÁ)**

ANE CRISTINE LOPES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

Orientador: Prof. Dr. Valdemar João Wesz Junior

Foz do Iguaçu
2015

ANE CRISTINE LOPES

**AGROINDUSTRIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS NO ESPAÇO RURAL:
UM OLHAR SOBRE FOZ DO IGUAÇU (PARANÁ)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Doutor Valdemar João Wesz Junior
UNILA

Prof. Doutora Silvia Aparecida
Zimmermann
UNILA

Prof. Doutor Dirceu Basso
UNILA

Foz do Iguaçu, 09 de Dez de 2015.

Dedico este trabalho a minha mãe, que com sua coragem e persistência não mediu esforços para apoiar meus sonhos, e as minhas irmãs pelo apoio, paciência e carinho sempre, e a família Kohut e Silva por fazerem parte da minha história.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter conseguido realizar mais esta etapa. A minha família que sempre esteve presente em todos os momentos, principalmente minha mãe que não mediu esforços para estar presente e me apoiar em todas as minhas decisões, as minhas irmãs que sempre me motivaram e me incentivaram, e mesmos estando longe sempre presentes.

Agradeço ao meu orientador prof. Valdemar João Wesz Junior pela atenção, compreensão, correções e apoio durante todo o trabalho.

Agradeço aos professores da banca pela disponibilidade e correções feitas.

Aos professores do curso que desde o início estavam nessa caminhada e contribuíram de forma direta ou indireta para esta conquista.

Agradeço as mulheres das agroindústrias pela disponibilidade e colaboração na construção deste trabalho.

Universidade Federal da Integração Latino-Americana pela convivência em uma instituição com tanta diversidade e pela oportunidade de fazer o curso.

LOPES, Ane Cristine. **Agroindustrialização dos produtos agropecuários do espaço rural: um olhar sobre Foz do Iguaçu (Paraná)**. 2015. 50 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar– Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

RESUMO

Este trabalho se propõe analisar a temática da agricultura familiar, focando na agroindustrialização dos produtos agropecuários no espaço rural. O objetivo principal é compreender os diferentes fatores que impactam no surgimento, desaparecimento e/ou permanência das agroindústrias no município de Foz do Iguaçu (Paraná). Com relação aos procedimentos metodológicos, realizaram-se revisões bibliográficas, a partir dos referenciais teóricos que atualmente tratam do assunto, análises estatísticas dos Censos Agropecuários de 1975, 1985, 1995/96 e 2006. Ademais, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, executadas com cinco agroindústrias: Berlanda Colonial, Delícia da Vovó Mailde, Itacorá Agroindústria, Sabores da Roça e Viva a Natureza, localizadas no espaço rural de Foz do Iguaçu. O estudo revelou que houve um movimento generalizado de redução no número de agroindústrias e na quantidade produzida ao longo das últimas décadas (sobretudo de 1995 a 2006) no Brasil, Região Sul, Paraná e Mesorregião Oeste Paranaense, não obstante a importância desta atividade enquanto estratégia de desenvolvimento rural. Entretanto, esse movimento não tem ocorrido da mesma forma em Foz do Iguaçu, onde todos os produtos das agroindústrias tiveram aumento significativo, cujo motivo pode estar atrelado à proximidade de um grande número de consumidores (centro urbano municipal, cidades fronteiriças e turistas) e da presença de organizações da agricultura familiar que fazem a ponte entre os produtores e o mercado (sobretudo institucional). Em nível municipal a ampliação das pequenas agroindústrias rurais é de grande relevância por contribuir com o aumento da renda das famílias que praticam esta atividade e proporcionar aos consumidores produtos de qualidade diferenciada.

Palavras chave: agroindústria familiar, agricultura familiar, desenvolvimento rural, Foz do Iguaçu.

LOPES, Ane Cristine. . **Agroindustrialização dos produtos agropecuários do espaço rural: um olhar sobre Foz do Iguaçu (Paraná).**2015. 50 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar– Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar el tema de la agricultura familiar, centrándose en la agro-industrialización de productos agrícolas en las zonas rurales. El objetivo principal es comprender los diferentes factores que influyen en la aparición, desaparición y / o permanencia de las agroindustrias en la ciudad de Foz do Iguaçu (Paraná). En cuanto a los procedimientos metodológicos, hubo revisiones de la literatura, de los marcos teóricos que actualmente se ocupan del tema, el análisis estadístico de Censo Agropecuario 1975, 1985, 1995 a 1996 y 2006. Además, las entrevistas semi-estructuradas se realizaron con cinco carreras agroindustria : Berlanda colonial, Delicia abuela electrónicoBlogThis, Itacorá Agronegocios, Sabores da Roca y Viva la naturaleza, situado en el campo de Foz do Iguaçu. El estudio encontró que había una reducción del movimiento general en el número de industrias agrícolas y de la cantidad producida en las últimas décadas (especialmente 1995-2006) en Brasil, Región Sur, Paraná y mesorregión West Paranaense, a pesar de la importancia de esta actividad como una estrategia de el desarrollo rural. Sin embargo, este movimiento no ha sido el mismo en Foz do Iguaçu, donde todos los productos tuvieron aumento significativo, cuyo motivo podría estar relacionado con la proximidad de un gran número de consumidores (centro urbano municipal, las ciudades fronterizas y turistas) y la presencia de organizaciones de la agricultura familiar ese puente entre los productores y el mercado (principalmente institucional). A nivel municipal la expansión de pequeñas agroindustrias rurales es de gran importancia para contribuir al aumento de las familias de ingresos que practican esta actividad y proporcionan a los consumidores con productos de calidad diferenciada

Palabra claves: agroindústria familiar, agricultura familiar, desarrollo rural, Foz do Iguaçu.

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Tamanho das propriedades em hectares.....	35
-------------------------------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Agroindústria de Melado (1985, 1995/96 e 2006).....	29
Tabela 2 – Agroindústria de Queijo e Requeijão (1975, 1985, 1995/96 e 2006).....	30
Tabela 3 – Agroindústria de embutidos (1975, 1985 e 2006).....	31
Tabela 4 – Agroindústria de doces e geleias (2006)	32
Tabela 5 – Agroindústria de panificados (2006)	33

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Agroindústria de uma das entrevistadas	34
Figura 2 – Produtos das agroindústrias.....	36

LISTA DE SIGLAS

APROFFOZ	Associação dos Produtores Familiares de Foz do Iguaçu
COAFASO	Cooperativa da Agricultura Familiar e Solidaria do Oeste do Paraná
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PAA	Programa de Aquisição de Alimento
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES CONTEXTUALIZAÇÃO, DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS	15
3 AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL	21
4 ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DAS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES: UM OLHAR A PARTIR DOS CENSOS AGROPECUÁRIOS.....	28
4.1- PRODUTOS DA AGROINDÚSTRIA FAMILIAR: DA ESCALA NACIONAL A FOZ DO IGUAÇU	29
4.1.1- Melado	29
4.1.2- Queijo e Requeijão.....	30
4.1.3- Embutidos.....	31
4.1.4- Doces e geleias.....	32
4.1.5- Panificados.....	32
5 CARACTERIZAÇÃO DAS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES DE FOZ DO IGUAÇU ..	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS.....	47

1- INTRODUÇÃO

A agricultura familiar é um segmento de muita importância para a sociedade, pois dela saem grande parte dos produtos consumidos pela população. Sua definição é diversificada e genérica, mas muitos autores se arriscam em explicá-la. Um deles é Wanderley (1999), que considera como agricultura familiar aquela família rural que detém os meios de produção e também assume o trabalho no estabelecimento. Outra característica refere-se às diversas estratégias de reprodução socioeconômica que esta categoria social tem desenvolvido, sendo que, uma delas é a agroindustrialização da produção agropecuária.

A agroindustrialização da produção pela família rural remete a um processo relativamente antigo, que com o passar dos anos sofreu diversas transformações. Esta iniciativa produtiva ficou conhecida como agroindústria familiar e sua definição depende de diversas características. Para Mior (2005), a agroindústria familiar é uma forma de organização em que a família rural produz, processa e/ou transforma parte de sua produção agrícola e/ou pecuária, visando a produção de valor de troca que se realiza na comercialização. Esta atividade está ligada diretamente com a agricultura familiar, na tentativa de fortalecer sua reprodução social e atender as necessidades básicas da família.

Esta pesquisa focou na temática da agroindústria familiar. A importância deste tema se dá em compreender como este processo de agroindustrialização ocorre em um município onde a agricultura familiar tem pouca visibilidade, já que sua economia está baseada no turismo e na produção de energia. Nesse sentido procurou-se compreender a forma de agregar valor ao produto, a comercialização e outros fatores que estão envolvidos no processamento e/ou transformação da produção agrícola. Esta pesquisa foi desenvolvida no município de Foz do Iguaçu e teve como temática o universo diverso e complexo da agricultura familiar local.

Para Maluf (2004), a valorização de produtos com atributos diferenciados de qualidade cria novas oportunidades de inserção dos agricultores familiares em mercados de nichos nacionais e internacionais, além do aprimoramento dos circuitos regionais de produção.

Assim, além de agregar valor ao produto pela industrialização, este tipo de atividade possibilita um acréscimo de renda em virtude da forma diferenciada como ocorre sua venda, onde as agroindústrias familiares mobilizam redes de comercialização locais, onde se destacam laços de parentesco, amizade e confiança (Niederle e WeszJr,2008).Entretanto, a elevação na renda familiar nas propriedades com agregação de valor nem sempre se torna tão expressiva em termos monetários. Isso porque, essa iniciativa produtiva é concebida por alguns agricultores como uma atividade complementar e sazonal, tendo em vista que a agroindustrialização nem sempre é a única ou a principal fonte de entrada de recursos na propriedade (Wesz Jr, Trentin e Felippi, 2009).

Para que as agroindústrias ganhem força, e gerem vantagens para as famílias dos espaços rurais, começam a aparecer programas e políticas que fortalecem e incentivam a continuidade dos mesmos. O programa pioneiro no incentivo foi o PROVE-Programa de Verticalização da Pequena Produção Agrícola do Distrito Federal (1995 a 1998), posteriormente, surge no Paraná o Programa Fábrica do Agricultor (1999 a 2002). De acordo com a EMATER (2015), os objetivos eram: beneficiar, transformar e ou industrializar a produção; agregar valor aos produtos; melhorar a renda e a qualidade de vida da família rural; profissionalizar o agricultor familiar, inserir e mantê-lo de forma competitiva no mercado; gerar emprego, postos de trabalho e rendas diretas e indiretas; propiciar a comercialização diretamente ao cliente consumidor final; articular as parcerias entre instituições públicas e privadas; fortalecer o processo de organização dos Agricultores Familiares, dos negócios e de seus empreendimentos.

O objetivo principal desta pesquisa é compreender os diferentes fatores que impactam no surgimento, desaparecimento e/ou permanência das agroindústrias familiares no espaço rural, com destaque às dinâmicas presentes no município de Foz do Iguaçu (Paraná). Para aprofundar este tema, foram analisadas algumas agroindústrias localizadas no município, procurando perceber vantagens, dificuldades e desafios.

A metodologia utilizada para suprir as demandas citadas anteriormente, foi de caráter qualitativo e quantitativo, já que trata de trazer revisões bibliográficas sobre a temática, análise dos Censos Agropecuários, e também entrevistas semiestruturadas em algumas agroindústrias da região.

A revisão bibliográfica utilizada está voltada para a temática de agroindústria familiar, trazendo trabalhos de Prezotto (2002), Pelegrini e Gazolla (2008), Mior (2005), Wesz Jr. (2008), conjuntamente com análise dos Censos Agropecuários dos anos 1975, 1985, 1995/1996 e 2006, realizado pelo IBGE. Estes instrumentos foram utilizados para descrever a situação das agroindústrias em um recorte de tempo, em diferentes escalas e em variados produtos. Também foi realizada pesquisa de campo, que incluiu visita em algumas propriedades e encontro com as proprietárias na APROFFOZ (Associação dos Produtores Rurais Familiar do Foz do Iguaçu) e em feiras agroalimentares. Foram selecionadas cinco agroindústrias para aplicação de questionários semiestruturados (Anexo 01). A escolha se deu de forma aleatória e se preocupou em selecionar empreendimentos de localidades distintas, os quais estão situados nas seguintes localidades rurais do município: Arroio Dourado, Mata Verde e Remanso Grande, Vasco da Gama. Todas as entrevistadas eram mulheres, proprietárias de agroindústrias. Após, a aplicação dos questionários, foi realizada a sistematização dos dados.

Este trabalho está dividido da seguinte forma: a primeira parte faz uma abordagem teórica, trazendo a conceituação sobre agricultura familiar e agroindústria familiar. Na sequência se evidencia a importância desta atividade enquanto estratégia de desenvolvimento rural. A terceira parte analisa as agroindústrias através dos Censos Agropecuários, dos anos de 1975, 1985, 1995/1996 e de 2006, ilustrando a realidade desta atividade em diferentes escalas: Brasil, Região Sul, Paraná, Oeste Paranaense e Foz do Iguaçu (com Santa Terezinha de Itaipu), já que até o ano de 1975, pertencia ao município de Foz do Iguaçu. Em seguida é resgata a experiências de 05 agroindústrias familiares de Foz do Iguaçu. E, por fim, apresentam-se as considerações finais do trabalho, sintetizando os principais resultados alcançados na pesquisa.

2 - AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES CONTEXTUALIZAÇÃO, DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS

Este capítulo foca no processo de agroindustrialização dos produtos pelos agricultores familiares, destacando a contextualização, as definições e também algumas características desta atividade.

O processo de agroindustrialização não é algo recente, estando presente na vida do ser humano a bastaste tempo. Inclusive evidências de que a arte de transformar os alimentos vem sendo realizada a milhares de anos. Para Pelegrini e Gazolla (2008, p.57)

é um processo histórico, pois, com o decorrer do tempo os métodos foram sendo aperfeiçoados e adaptados as condições materiais disponíveis naquele determinado período e está intimamente relacionado a história humana e a reprodução social dos indivíduos.

Com o passar dos anos a sociedade sofreu diversas mudanças, e este modo de reprodução da atividade passou por importantes transformações. Uma das alterações foi o abandono por uma parte dos camponeses deste processo, em meio a Revolução Industrial, onde a indústria domestica que era responsável pela produção dos alimentos perde força para este novo modelo de industrialização que vinha sendo implementado. Mesmos com todas as modificações no modo de produção, está prática resistiu e persiste até hoje na vida de alguns agricultores familiares como veremos adiante.

O processo de agroindustrialização no Brasil está presente desde a produção de açúcar destinado à exportação, que estava situada em grandes engenhos e, que necessitavam de grandes instalações. Além do açúcar, nestas grandes instalações estavam anexas algumas destilarias de aguardente. Para Caio Prado Junior (1994), isto é um sinônimo de que as grandes agroindústrias conviviam com as pequenas, mas vale salientar que num modo de produção e organização bastante diferenciado do que se encontra atualmente.

Segundo Pelegrini e Gazolla (2008), estas agroindústrias, que produziam praticamente todos os bens de consumo, posteriormente foram desfeitas pelo surgimento a indústria urbana, fazendo com que, a agricultura dependesse da mesma, muitas vezes subordinado da indústria (máquina, insumos, etc.). Com a consolidação deste sistema de industrialização, as indústrias necessitavam de mão

de obra, a qual estava concentrada no espaço rural. Portanto a agricultura e a forma de produzir alimentos não poderiam se basear mais nas formas tradicionais de produção e deveriam se modernizar, para assim poder atender todas as demandas que lhes eram impostas.

Ao falar de agroindústria familiar, não se pode deixar de comentar sobre a agricultura familiar, já que são dois temas, dois segmentos, que caminham juntos na hora de compreender esta forma de produção.

Agricultura familiar possui um debate intenso e de difícil definição. Possui conceito diversificado, controverso e genérico. Mas diversos autores se arriscam nesse desafio, como Wanderley (1999), que aponta para o entendimento que é a agricultura onde a família é proprietária dos meios de produção e, ao mesmo tempo, assume o trabalho no estabelecimento produtivo.

Atualmente, agricultor familiar vai desde o agricultor moderno até aquele que produz para sua subsistência, que mantém formas tradicionais de produção, o qual, anteriormente era considerado camponês, ou colono em algumas regiões. Mas esse termo acabou sofrendo algumas transformações até chegar ao termo como conhecemos hoje em dia, criando características e estratégias distintas para obter a reprodução social. Como relata Abramovay (1998, p.131):

O ambiente no qual se desenvolve a agricultura familiar contemporânea é exatamente aquele que vai asfixiar o camponês, minar as bases objetivas e simbólicas de sua reprodução social. [...] O paradoxo de um sistema econômico (é o de que ele), ao mesmo tempo em que aniquila irremediavelmente a produção camponesa, ergue a agricultura familiar como sua principal base social de desenvolvimento.

Desta forma, a agroindústria e a agricultura familiar são compreendidas como forma social de trabalho e de produção, que não se desligou completamente de algumas características do camponês, mas ainda possui uma grande diferença nas estratégias de reprodução social. Hoje a agricultura é dinâmica, na perspectiva social e econômica incluindo uma diversidade de sistemas produtivos, de forma de inserção no mercado, de vínculos intersetoriais, capaz de se reproduzir utilizando as inovações e progressos tecnológicos.

Para Schneider (2003), a agricultura familiar não é compreendida apenas pelas relações com mercado, pois também é entendida pelas relações sociais de

parentesco e consanguinidade no ambiente familiar. Posteriormente o autor relata quatro elementos teóricos que são importantes para o estudo da agroindústria e agricultura familiar. O primeiro elemento é a gestão dos trabalhos das unidades familiares, onde o trabalho é conduzido pelos membros da família e até podem contratar mão-de-obra assalariadas. Segundo é a especificidade estrutural da agricultura, que aborda os obstáculos naturais que ela possui e impedem o desenvolvimento capitalista de apropriar-se do processo agropecuário, mesmo com todo o avanço científico e tecnológico não conseguem apropriar-se da base natural dos processos. O terceiro seria o entendimento do ambiente econômico e social, onde o estudo e compreensão deste só são possíveis quando analisados os fatores externos, como as ações do Estado com as políticas públicas e outros condicionantes da sociedade. E por fim, a natureza familiar que é o principal fator descrito, onde está presente a força de trabalho, as relações sociais e também as tomadas de decisões, escolhas, estratégias e caminhos que devem seguir. Os elementos permitem considerar o trabalho da família com base em suas relações internas entre seus membros. O próprio ato de processar o alimento é fundamental para a trajetória de desenvolvimento deste tipo de agricultura.

Voltando ao tema principal deste trabalho, a agroindústria familiar, vale destacar que a sua definição é relatada por diversos autores e possui diferentes denominações: agroindústria familiar, agroindústria de pequeno porte, agroindústria rural, agroindústria artesanal ou colonial, e também como unidades de beneficiamento. Guimarães e Silveira (2007) mostram que essas tipologias apontam para diferentes dimensões: a localização do empreendimento, o processo de produção, o tipo de produto e a escala de produção.

Autores clássicos como Marx (1987), Kautsky (1980) e Lênin (1992), (apud, Wesz, J. 2006, p.19), definiram a agroindustrialização como sendo todas as atividades de manufaturas executadas nas unidades de produção camponesa e que, em decorrência do aumento da divisão social do trabalho, passaram para as cidades. Todavia o conceito de agroindústria surge inicialmente como componente para analisar o processo de modernização agrícola, como relata Wilkinson (1999), fundamentalmente para identificar uma crescente subordinação da agricultura às forças econômicas exógenas à atividade agrícola em si. Porém, nos últimos anos, esse debate ganha força com as condições sobre o circuito de comércios alternativos, e também como estratégia para o agricultor familiar.

Este segmento possui caráter cultural e histórico, caracterizando-se em uma prática ligada as unidades de produção familiares, trazendo consigo estratégias para manter-se no espaço rural, agregação de valor ao produto agropecuário, e como resultado, aumentando a renda familiar. A atividade é uma herança da tradição colonial, mas o que diferencia são as mudanças estruturais nas redes de integração vertical entre os agricultores e as agroindústrias e a progressiva institucionalização da agricultura familiar á medida que se torna categoria social.

Conforme Prezotto (1997), a agroindústria familiar é a unidade de transformação e/ou beneficiamento de produtos agropecuários produzidos pelos agricultores familiares. É regida pelos próprios agricultores e composto de instalações e equipamentos adequados á escala de produção não industrial-tradicional. Como dito, é a tática de reprodução social da agricultura familiar, no trabalho e a gestão fica por parte do núcleo familiar.

Como já comentado, Mior (2005) percebe a agroindústria familiar como uma forma de organização em que a família rural produz, processa e/ou transforma parte de sua produção agrícola e/ou pecuária, visando, a produção de valor de troca que se realiza na comercialização. Nesse sentido, a agroindústria familiar é uma nova iniciativa social e econômica, focada na comercialização do produto beneficiado.

Já para o IBGE (2006), agroindústria rural refere-se às atividades de transformação e beneficiamento de produtos agropecuários de origem animal ou vegetal, que foram realizadas em instalações próprias, comunitárias ou de terceiros, a partir de matéria-prima produzida no próprio estabelecimento agropecuário ou adquirida de outros produtores, desde que a destinação final do produto tivesse sido dada pelo produtor.

Para definir com mais precisão algumas características das agroindústrias familiares, Gazolla e Pelegrini (2008) trazem os seguintes elementos: interpreta-se familiar a agroindústria de uma família ou grupo de agricultores associados ou cooperados em rede, cujo trabalho e gestão do empreendimento dependem da família; em seu estabelecimento deve ser produzida a maior parte da matéria prima utilizada, podendo parte dela ser obtida de terceiros, mas que seja próxima a sua propriedade; a força de trabalho deve ser da própria família na sua maior parte, mas também pode ter contratação de terceiros, desde que seja em pequeno número. De uma forma mais simplificada, as características ligadas à agroindústria familiar são a

mão-de-obra predominantemente familiar, ou por atores externos a propriedade, desde que sejam vizinhos. Os equipamentos e máquinas são simples e são muitas vezes usados para outras atividades, articulando também o aparecimento de novas tecnologias para ampliar a produção e a competitividade. Além destas características, a agroindústria familiar está crescentemente internalizada com aspectos legais, tanto sanitário, fiscal e ambiental, ante os organismos públicos de regulação embora ainda existam muitas unidades informais.

Outro ponto importante nas características funcionais das agroindústrias familiares é a questão da comercialização, onde possui escala regionalizada, que nos remete á uma maior proximidade do consumidor, como forma de garantir e enfatizar a qualidade dos produtos.

Baseado nos apontamentos de Niederle e Wesz Jr, 2008, surge seis condições que propiciam o aparecimento dos empreendimentos rurais. O primeiro está relacionado com a modernização da agricultura, com a modernização dos meios de produção, conforme a produção agrícola não dava mais conta das necessidades de reprodução social das unidades familiares, as atividades que antes eram consideradas supérfluas passam a ser consideradas uma nova alternativa de trabalho e renda. Uma segunda situação é determinada a partir da década de 90 com o nascimento de políticas públicas de incentivo e apoio a manipulação de produtos na agricultura familiar, tanto nas escalas municipal, estadual e federal. Este incentivo por parte dos programas e políticas possui grande importância para a agroindustrialização, já que através dos créditos destinados aos mesmos, auxiliam no aumento dos números de empreendimentos. O programa pioneiro desta demanda é o PROVE Programa de Verticalização da Pequena Produção Agrícola do Distrito Federal (1995 a 1998), em seguida surge o PRONAF, que vem com uma linha de investimento para a agroindustrialização familiar (PRONAF/AGREGAR) e em continuidade a este, foi determinado o Programa de Agroindustrialização da Produção dos Agricultores Familiares (2003 a 2006). No Paraná existe o Programa Fábrica do Agricultor.

O terceiro condicionante para o aumento e surgimento das agroindústrias, é a reestruturação dos mercados (locais e não-locais), aumento da demanda por produtos de origem conhecida e que sejam preparados em um processo artesanal, sendo que os consumidores passam a valorizar as singularidades do território e do meio rural. São retomados os valores dos recursos e das tradições de um

determinado local, levando em conta a qualidade dos alimentos e as relações sociais de produção. Ligada a este condicionante vem o quarto, que é o apoio das cooperativas, associações, ONGs, sindicatos, prefeituras e também a EMATER, por parte de incentivos a instalações das agroindústrias, e apoio na comercialização dos produtos. O quinto fator de influencia para a aparição das agroindústrias é a organização dos agricultores em suas propriedades, já que grande parte dos empreendimentos é gerada a partir da cultura de seus antepassados, e que agora estão em um novo contexto econômico e institucional, que necessitam de uma iniciativa mais autônoma por parte dos agricultores.

O sexto e último fator, não menos importante, vem após o surgimento de um mercado próspero, que cria a necessidade de instalar novos empreendimentos para satisfazer uma demanda por determinado produto que as unidades já existentes não produzem em quantidade suficiente, criando assim, indiretamente, estímulo á agroindustrialização. Portanto, o surgimento dos empreendimentos rurais se deve tanto a fatores internos como externos.

A combinação da agricultura familiar com estratégias de agroindustrialização possui influência sobre as suas formas de inserção socioeconômica e os padrões do desenvolvimento rural. Para aprofundar a discussão entre agroindústria familiar e desenvolvimento rural destina-se o próximo capítulo.

3-AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL

Com o processo de modernização da agricultura o espaço rural sofreu inúmeras mudanças. Por um lado, as transformações no suporte técnico ampliaram a produção e a produtividade de diversos cultivos, como as commodities, a quem é atribuída à manutenção e o crescimento econômico dos mercados, por outro lado ocasionou problemas para a população das pequenas propriedades, que muitas vezes acabaram não se inserindo na dinâmica de mecanização proposta pelo modelo industrial. Com isso gerou-se uma redução na demanda por mão-de-obra contratada e um rebaixamento das ocupações destinadas ao trabalho familiar.

Todas essas mudanças atingiram os pequenos produtores, gerando um aumento na pobreza rural e na desigualdade de renda, além dos diversos impactos ambientais que foram criados pela abertura das novas fronteiras agrícolas e a contaminação dos recursos naturais pelo uso dos fertilizantes e agrotóxicos. Perante todo esse histórico, aumentou-se a demanda por alternativas que levem ao desenvolvimento no espaço rural. Nesse sentido, têm sido priorizadas as atividades que gerem ocupações aos agricultores, renda às famílias, baixos índices de poluição, preservação das culturas e tradições locais e a manutenção das pequenas propriedades rurais (FILIPPI, TRENTIN, WESZ JR, 2009).

O desenvolvimento rural vem sendo visto como um processo multinível, com diversas facetas e atores, sólido em tradições históricas. Buscando por novas alternativas, ganha fôlego a discussão as agroindústrias familiares, já que possui grande número de empreendimentos existentes por todo o Brasil e uma variedade dos produtos, como será visto no Capítulo 3, e que vem contribuindo para as transformações no meio rural. Filippi, Trentin e Wesz Jr (2009), com base em estudos sobre os impactos das pequenas agroindústrias familiares no Sul do Brasil, sistematizam alguns pontos importantes para entende como essa atividade contribui para o processo de desenvolvimento rural:

1. Ascensão/complementação da renda familiar: acréscimo de renda nas propriedades que praticam esta atividade, que esta diretamente relacionada com a agregação de valor. Porém, a elevação na renda nem sempre é tão claro, já que para alguns

agricultores esta atividade é sazonal e complementar, sendo que a agroindustrialização não é a única ou principal atividade.

2. Diminuição na vulnerabilidade econômica dos agricultores familiares: além da o acréscimo na renda sobrevivendo da agroindústria, é importante e significativo o fato desta fonte vir diversificar os ingressos, reduzindo o efeito de falha na renda na medida em que dissolve os impactos em outras rendas. Em suma, ela se insere como atividade complementar e uma das vantagens é a redução da instabilidade econômica.
3. Diversificação e estímulo às economias locais: onde predomina a agricultura especializada, os circuitos regionais de produção, de distribuição e consumo ficam frágil, e dependente dos bens externos ao local. Segundo Maluf (2004), isto não ocorre naqueles espaços onde grande parte das unidades de produção é formada pelos agricultores familiares que produzem diversificadamente e acabam por fomentar as relações de produção e comércio local. Além disso, os domicílios que trabalham com a industrialização promovem os mercados locais com valor agregado.
4. Descentralização da produção e das fontes de renda: a forma como as agroindústrias estão inseridas no meio rural tem mostrado resultados na descentralização das fontes de renda, isto porque, as unidades têm sido implementadas em diferentes localidades, gerando aumento da renda e da oportunidade de ocupação de forma descentralizadas. Isso potencializa a cobertura dos benefícios e dos beneficiários nas áreas rurais, introduzindo novas dinâmicas aos locais que anteriormente eram voltados totalmente para as atividades agrícolas, sobretudo as commodities.
5. Adequação a estrutura fundiária existente: até pouco tempo as atividades que geravam renda no espaço rural estavam vinculadas com a agropecuária, que necessitavam de grandes extensões de áreas. Esta situação prejudicava a entrada e participação dos pequenos proprietários nesta atividade

produtiva. Porém, a agroindustrialização familiar vem desconstruindo isto, já que a viabilidade da atividade não está no acréscimo das áreas, mas na agregação de valor aos produtos feitos, possibilitando uma maior interação entre o beneficiamento dos produtos com os outros cultivos, dado que a produção de matéria-prima e a estrutura física do empreendimento não requerem grandes áreas de terra. Portanto, as agroindústrias se adaptam as propriedades familiares.

6. Valorização das particularidades locais e preservação dos hábitos culturais: esta atividade valoriza diversos elementos da cultura e das especialidades do local, como a gastronomia dos produtos que as famílias industrializam. Segundo Mior (2005), enquanto a agroindústria convencional se autonomiza ou se desenraiza dos espaços locais regionais, tendo em vista sua inserção no mercado globalizado, a agroindústria familiar se constitui juntamente a partir de sua inserção nas redes sociais dos territórios locais e regionais.
7. Estímulo da proximidade nas relações comerciais: como forma de reduzir ou minimizar os custos, muitas vezes são as próprias famílias donas de agroindústria os encarregados da comercialização dos produtos, reduzindo o número de intermediário. Este processo em que os próprios agricultores comercializam seus produtos deixa os consumidores mais cientes da procedência do produto.
8. Ocupação e geração de emprego no meio rural: com todo o processo de desenvolvimento tecnológico e da competitividade do mercado, a agricultura acabou gerando cada vez menos empregos e impactando no êxodo rural. Sendo assim, tem sido de extrema importância a presença de atividades no campo que tragam ocupações para estes indivíduos. Os empreendimentos rurais acabam por gerar inúmeras ocupações na produção e cultivo da matéria-prima, no beneficiamento e na

comercialização dos produtos, promovendo trabalhos diretos e indiretos.

9. Redução do êxodo rural: como mostrado, as agroindústrias possuem resultados positivos na geração de emprego e na absorção do trabalho familiar, aumentando a renda. Isso favorece o aumento das ocupações dentro da propriedade e melhora a qualidade de vida, podendo contribuir com a manutenção dos jovens no meio rural e a sua permanência nas propriedades.
10. Estímulo ao cooperativismo e associativismo: parte dos agricultores, perante as dificuldades da produção, comercialização e normatização, acabam por se associar as cooperativas e associações, para incrementar a comercialização dos produtos das agroindústrias, pois muitas vezes favorece o acesso as políticas públicas, aquisição de maquinários, equipamentos, instalações e na mão-de-obra. Além disso, muitos agricultores se reúnem, sobretudo com vizinhos de uma mesma comunidade para a construção de suas agroindústrias.
11. Preservação do meio ambiente e dos recursos naturais: como as agroindústrias familiares se organizam no meio rural de forma descentralizada, os resíduos por elas gerados são menores do que grandes indústrias, facilitando a sua absorção pelo ambiente. Paralelamente é corriqueira a reutilização destes resíduos em outras funções na produção, como na adubação, alimentação de animais, etc.
12. Mudanças nas relações de gênero: nas agroindústrias familiares todos os membros do grupo familiar estão incluídos na atividade de beneficiamento dos produtos, gerando transformações nas relações familiares de trabalho. Vários estudos mostram que a mulher não fica só envolvida na cozinha ou na produção de panificados, queijos, conservas, doces, etc., mas também atua em todas as fases da cadeia produtiva, incluindo a comercialização.

Partindo destas estratégias nos deparamos com a noção de redes de desenvolvimento rural que descreve Mior (2005). Para o autor, a melhor forma de explicar as agroindústrias como uma estratégia para atingir o desenvolvimento rural territorial seria via redes. Existem dois conjuntos principais de redes que se relacionam com as regiões rurais: a rede vertical de desenvolvimento rural referencia-se no modo em que a agricultura é incorporada como matéria-prima nos processos de produção, transformação, distribuição e consumo de alimentos, que esta relacionada ao desenvolvimento setorial, a exemplo das commodities; já a rede horizontal de desenvolvimento rural relaciona-se com a incorporação da agricultura e dos territórios rurais em atividades que transpassam e enfocam nas economias locais e regionais, já esta rede esta relacionada com o desenvolvimento territorial e refere-se a uma noção de redes sociais de inovação e aprendizagem.

O desenvolvimento rural, posterior a este entendimento relatado no parágrafo anterior, está ligado a uma intensa capitalização das unidades de produção e do poder de trabalho. Atualmente o desenvolvimento é aquele definido pelas novas redes de inovação, redes que seriam construídas naquelas áreas em que conservassem uma estrutura industrial fundamentada em um grande número de pequenas unidades de produção. O uso destas redes seria vantajoso, pois possibilita interagir o desenvolvimento tanto interno ou externo as áreas rurais. As redes estão voltadas para facilitar na hora de sugerir um modelo de desenvolvimento rural, já que diversas redes estão interagindo juntas em um dado meio com condições que estão previamente definidas no meio rural. Portanto, a simultaneidade destas redes estará condicionada ao desenvolvimento e consolidação da agroindústria familiar e suas redes horizontais de desenvolvimento rural. Refletindo assim, a noção de rede nos faz prestar atenção nos processos locais de criação e expansão das relações sociais que fundamentam as estratégias e alternativas de inserção socioeconômica e de sustentabilidade do desenvolvimento (MIOR 2005).

Outra forma de se analisar o desenvolvimento rural é a partir da abordagem endógena e exógena. Estas abordagens estão diretamente ligadas com a dicotomia rural-urbano e as que buscam uma análise territorial do desenvolvimento rural ao invés do recorte setorial. O modelo exógeno sustenta a possibilidade do desenvolvimento rural que articule com processos de urbanização e industrialização, onde o meio rural seria o espaço principal das atividades econômicas, industriais e de serviços, e o meio rural contribuiria com a concretização deste modelo e seria

fonte de oferta de alimentos e produtos primários.

As abordagens endógenas de desenvolvimento rural partem de vários princípios e abordagens, diferente do modelo exógeno que parte de um único modelo. A noção endógena utiliza recursos específicos de uma área, a qual é peça chave para um desenvolvimento sustentável. Possui economia e serviços diversos e também empresas e iniciativas locais. Inclusive o espaço local é visto como algo bom, desejável, tanto no âmbito do conhecimento como nas experiências. Resumidamente, Mior (2005) argumenta que o modelo exógeno é visto como desenvolvimento agrícola e a abordagem endógena como desenvolvimento rural.

Mas a forma mais utilizada atualmente de compreender o desenvolvimento rural é a noção de redes, citadas anteriormente, aonde vem como uma forma de superar estas duas abordagens endógena e exógena. A rede mais analisada é aquela que atinge diretamente a agricultura e os setores econômicos dos espaços rurais, que adéqua tanto para a construção de estratégias e alternativas para o desenvolvimento rural como para a sua interpretação. Nela estão introduzidos os dois conjuntos (vertical e horizontal), que estão, respectivamente, associados a desenvolvimento setorial e territorial. Para estas abordagens de desenvolvimento rural, leva-se em consideração tanto o fortalecimento das atividades agrícolas e das não-agrícolas.

No Brasil, outra a abordagem do tema do desenvolvimento rural ganhou força com debate sobre a pluriatividade nas famílias rurais. Surge, então, a discussão de novo rural que é entendido como um continuum do urbano em termos espaciais. Graziano da Silvia (1999) define o novo rural a partir dos seguintes subconjuntos:

- 1) uma agropecuária moderna, baseada em commodities e ligada as agroindústrias;
- 2) atividade de subsistência, que giram em torno da agricultura rudimentar e de criação de pequenos animais, que são a parte excluída do agribusiness;
- 3) atividades não agrícolas, ligadas a moradia, ao lazer e a várias atividades industriais e de prestação de serviços, turismo rural;
- 4) novas atividades agropecuárias, localizadas em nichos específicos de mercado.

Estes subconjuntos evidenciam que os fenômenos que acontecem no espaço rural, podem ser vistos como um processo de reconversão para atender as

novas demandas do espaço urbano, a partir das atividades não-agrícolas que inclui as agroindústrias localizadas no meio rural.

Em suma, a agricultura familiar deve se apropriar dos processos de agroindustrialização como forma de fortificar a sua reprodução social. Mas, além de ser uma alternativa exclusiva da família, o que se observa é que se trata de uma estratégia de grande importância para o desenvolvimento rural.

Portanto, as agroindústrias familiares são importantes formas de levarem o desenvolvimento das economias locais, principalmente dos agricultores, agregando valor à produção e aos produtos finais, criando novas ocupações ao meio rural e as famílias. Além disso, podem ser de origem de diversificação econômica, estimulando circuitos alternativos de comércio. Com elas ocorrem modificações no campo interno da organização da unidade familiar de produção, no ambiente organizacional da agricultura familiar, na diversificação econômica regional e na consolidação de princípios agroecológicos de produção, além de diversos outros aspectos.

Após contextualizar o tema da agroindústria familiar, assim como resgatar a sua definição, características e importância para o desenvolvimento rural, no próximo capítulo focara-se na trajetória desta atividade em diferentes escalas. Para tanto, serão analisados os Censos Agropecuários, focando no número de informantes (proprietários de agroindústria) e, quantidade produzida de diferentes produtos, buscando entender melhor o andamento desta atividade, em diversas escalas.

4- ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DAS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES: UM OLHAR A PARTIR DOS CENSOS AGROPECUÁRIOS.

Este próximo capítulo trará um panorama das agroindústrias familiares no Brasil, via análise dos Censos Agropecuários. Este exercício ajudará a entender, ainda que de forma superficial, a situação das agroindústrias ao longo dos anos.

Para realizar este estudo foi utilizado os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que estão no portal do SIDRA (Sistema de Recuperação Automática). O recorte temporal foi feito com base na disponibilidade dos dados. Para tanto, serão analisados os últimos trinta anos, que incluem os Censos de 1975, 1985, 1995/1996 (o qual possui uma peculiaridade, pois nele não se encontram dados disponíveis do oeste paranaense e das cidades de Foz e Santa Terezinha) e 2006.

As escalas selecionadas para delimitar o estudo foram Brasil, a Região Sul, o Estado do Paraná, a Mesorregião Oeste Paranaense e as cidades de Foz do Iguaçu e Santa Terezinha de Itaipu, a qual pertencia a Foz no Censo de 1975, e que posteriormente se desmembrou. Portanto, para possibilitar a comparação ao longo do período, utiliza-se a dimensão territorial do município de Foz do Iguaçu de 1975 (que contempla o atual município de Santa Terezinha de Itaipu). Isso significa que toda menção à Foz do Iguaçu neste capítulo, contempla a área de Santa Terezinha.

As variáveis elegidas para todas as escalas mencionadas anteriormente foram: número total de estabelecimentos agropecuários, número de informantes (proprietários de agroindústria), quantidade produzida por produto, média de produção por unidade e a porcentagem de estabelecimentos agropecuários que estão envolvidos na produção de cada produto. A escolha destas variáveis também se deve à disponibilidade de dados compatíveis para todos os anos selecionados.

Os produtos escolhidos também se basearam na disponibilidade de dados e naqueles que, de algum modo, desempenham um maior grau de importância na região analisada (com base no maior número de informantes). Os produtos selecionados foram: i) melado, ii) queijo e requeijão iii) embutidos, iv) panificados, v) doces e geleias, (estes dois últimos, só possuem dados disponíveis para o Censo de 2006).

4.1- Produtos da agroindústria familiar: da escala nacional à Foz do Iguaçu/PR

4.1.1- Melado

Para Cezar e Silva (2003), o melado é um produto derivado da cana-de-açúcar que vindo sendo produzido desde os anos iniciais do descobrimento do Brasil, sendo que as primeiras mudas já estavam sendo plantadas por volta de 1532. Com a grande expansão das indústrias de produtos derivados da cana (primeiramente açúcar e, mais recentemente, também o etanol), a produção artesanal acaba perdendo lugar para as grandes indústrias, mas isso não significa seu desaparecimento.

Tabela 1- Agroindústria de melado (1985, 1995-96 e 2006).

Escala	Informantes			Quantidade total (em mil litros)		
	1985	1995/96	2006	1985	1995/96	2006
Brasil	95.338	69.412	17.436	20.782	20.682	6.393
Sul	92.365	66.531	16.387	18.182	11.425	4.958
Paraná	9.243	4.559	827	1.051	630	483
Extremo Oeste Paranaense	1.304	-	229	165	-	282
Foz do Iguaçu	0	-	8	0	-	37

Escala	Média de produção por unidade (em mil litros)			% produtores sobre o total de estabelecimentos agropec.		
	1985	1995/96	2006	1985	1995/96	2006
Brasil	0,21	0,29	0,36		1,42	0,33
Sul	0,19	0,17	0,3	7,7	6,63	1,62
Paraná	0,11	0,13	0,58	1,98	1,23	0,22
Extremo Oeste Paranaense	0,12	-	1,23	1,86	-	0,43
Foz do Iguaçu	0	-	4,62	-	-	0,54

Fonte: Censo Agropecuário- IBGE

Como pode ser observado na tabela acima, houve uma grande queda no número de produtores de melado em todas as escalas, sobretudo entre os anos de 1985 e 2006. A quantidade total também sofreu redução, ainda que de forma menos intensa que o número de agroindústrias. Merece destacar que ocorreu um aumento na média de produção por unidade em todas as escalas, sendo que em 2006 a menor média de produção por agroindústria esteve no Sul (30 litros) e o maior em Foz do Iguaçu (462 litros). A queda no número de proprietários de agroindústrias, refletiu na

queda no percentual de estabelecimentos envolvidos na produção, ou seja, houve redução no número de unidades produtoras (no Sul do Brasil, por exemplo, 7,7% dos estabelecimentos agropecuários produziam melado em 1985, enquanto que em 2006 esse percentual alcança apenas 1,6%).

4.1.2- Queijo e Requeijão

Conforme Alves (2001), o queijo e requeijão são derivados do leite que, vem sendo produzidos e consumidos pelos brasileiros desde a exploração de gado. As primeiras indústrias dedicavam-se a produção de leite e queijo, com o avanço de algumas tecnologias, acabou-se por investir em novos produtos, no caso o requeijão, como forma de aumentar renda e diversificar a produção.

Tabela 2- Agroindústria de queijo e requeijão (1975, 1985, 1995-96 e 2006).

Escala	Informantes				Quantidade total (em tonelada)			
	1975	1985	1995/96	2006	1975	1985	1995/96	2006
Brasil	147.670	299.323	358.619	80.825	51.737	105.746	202.262	111.463
Sul	77.550	175.693	188.758	30.783	13.005	31.058	44.949	14.344
Paraná	10.888	31.718	37.426	5.614	2.189	6.337	11.926	3.344
Extremo Oeste Paranaense	3.226	8.960	-	1.108	654	2.351	-	735
Foz do Iguaçu	11	45	-	58	2	12	-	35

Escala	Média de produção por unidade (em toneladas)				% produtores sobre o total de estabelecimentos agropec.			
	1975	1985	1995/96	2006	1975	1985	1995/96	2006
Brasil	0,35	0,35	0,56	1,38	2,95	5,15	7,37	1,56
Sul	0,17	0,18	0,24	0,47	6,70	14,65	18,81	3,05
Paraná	0,20	0,20	0,32	0,60	2,27	3,28	10,11	1,51
Extremo Oeste Paranaense	0,20	0,26		0,66	3,53	12,78	-	2,08
Foz do Iguaçu	0,18	0,27		0,60	0,61	2,29	-	3,95

Fonte:Censo Agropecuário IBGE

Ao contrário do melado, o queijo e requeijão tiveram aumento no número de produtores em todo o território brasileiro, entre os anos de 1975 e 1995-96. Esse mesmo movimento ficou evidente na quantidade total. A média de produção por unidade segue o mesmo esquema de aumento, porém mais evidente no ano de 2006, onde a média em Foz do Iguaçu em 1985 era de 27 kg passa a 60 kg por agroindústria. A redução no número de informantes em 2006 reflete no percentual de

estabelecimentos envolvidos na produção, que até então vinha crescendo nas outras escalas, mas depois tem cada significativa. Contudo, merece destaque Foz do Iguaçu, que foi a única escala, entre as analisadas, onde houve aumento, no número de agroindústrias e na quantidade produzida.

4.1.3- Embutidos

A produção de embutidos derivados de suínos constitui-se em uma prática que ocorre desde a ocupação dos colonizadores da região Sul, tornando assim algo tradicional. A produção pode ser entendida como parte de um contexto cultural e histórico, formado inicialmente pela busca dos pequenos produtores rurais pela subsistência, onde não poderiam ocorrer perdas, utilizado tudo que se produzia. (MANTOVANELLI JR., PELLIN, WESSLING, 2014).

Tabela 3- Agroindústria de embutidos (1975, 1985 e 2006).

Escala	Informantes			Quantidade total (em mil litros)		
	1975	1985	2006	1975	1985	2006
Brasil	106.766	304488	17.722	6.938	14.435	2.953
Sul	102.973	214.913	17.357	6.735	12.231	2.591
Paraná	28.689	32.265	1.009	1.605	1.537	384
Extremo Oeste Paranaense	5.556	5.700	253	307	306	48
Foz do Iguaçu	3	4	11	0	0	2

Escala	Média de produção por unidade (em mil litros)			% produtores sobre o total de estabelecimentos agropec.		
	1975	1985	2006	1975	1985	2006
Brasil	0,06	0,04	0,16	2,13	5,24	0,34
Sul	0,06	0,05	0,14	8,9	17,9	1,72
Paraná	0,05	0,05	0,38	5,99	0,07	0,27
Extremo Oeste Paranaense	0,05	0,05	0,18	6,09	8,13	0,47
Foz do Iguaçu	0	0	0,18	0,16	0,2	0,75

Fonte: Censo Agropecuário IBGE

Por ser um produto característico do Sul do país, grande parte dos informantes está localizada nesta região. Percebe-se que houve redução significativa no número de informantes entre 1985 e 2006 no Sul, onde passou de 214.913 para 17.357. Novamente, Foz do Iguaçu obteve uma situação diferente, com o número de informantes saltando de 4 para 11. Essa peculiaridade pode ser vista também no

percentual de estabelecimentos envolvidos na produção que aumenta apenas em Foz do Iguaçu e havendo redução nos outros níveis.

4.1.4- Doces e geleias

No Brasil, a tradição de doces e geleias veio com os colonizadores portugueses, que trouxeram este hábito de produção e consumo. Nas cozinhas das fazendas as senhoras ensinavam as escravas a misturar os ingredientes, já que naquela época havia fartura de açúcar e grande variedade de frutas. Assim, novos doces foram surgindo com a integração entre as senhoras com as escravas, mantendo a mesma estrutura culinária de Portugal, mas com ingredientes existentes e disponíveis na colônia (Ministério da Educação, 2007).

Tabela 4- Agroindústria de doces e geleias (2006).

Escalas	Número de informantes	Quantidade total (tonelada)	Média de produção por unidade (ton.)	% produtores sobre o total de estabelecimentos agropec
Brasil	14.647	6.358	0,43	0,2
Sul	11.486	2.842	0,24	1,1
Paraná	636	203	0,31	0,17
Oeste Paranaense	129	33	0,25	0,2
Foz do Iguaçu	10	2	0,2	0,6

Fonte: Censo Agropecuário IBGE.

Em todo o Brasil, 14.647 produtores declaram produzir doces e geleias. Deste, estão localizados em Foz do Iguaçu 10 informantes, os quais produzem 2 toneladas de um total de 6.358 toneladas produzidos em todo o Brasil.

4.1.5- Panificados

A panificação é uma das artes culinárias mais antigas e sua história atravessa a humanidade. Os primeiros pães foram elaborados no período neolítico, por volta de oito mil anos atrás. Na antiguidade os pães eram feitos de forma diferente da de hoje. Só em 1859 Louis Pasteur, o pai da microbiologia, descobriu como o fermento funcionava que fazia o pão expandir e crescer, e assim chegar a como conhecemos. (revista-fi,2009).

Tabela 5- Agroindústria de panificados (2006).

Escalas	Número de informantes	Quantidade total (tonelada)	Média de produção por unidade (t.)	% produtores sobre o total de estabel. agropec.
Brasil	34.829	9275	0,26	0,6
Sul	31.877	4386	0,13	3,1
Paraná	2.839	771	0,27	0,7
Oeste Paranaense	101	79	0,78	0,1
Foz do Iguaçu	-	-	-	-

Fonte: Censo Agropecuário IBGE

Em todo o Brasil, existiam 34829 informantes que declaram trabalhar na produção de panificados em 2006, nos quais 7% estão localizados no Paraná, que produz 771 toneladas de produto, num total nacional de 9275. O município de Foz do Iguaçu não traz números significativos, pois dados das unidades territoriais com menos de três informantes não são identificados, pode ser pela informalidade dos empreendimentos. Mas no próximo capítulo veremos que no município de Foz do Iguaçu, possui sim agroindústrias voltadas para a produção de panificados.

Os dados apresentados neste capítulo mostram um movimento generalizado de redução no número de informantes e na quantidade produzida nas agroindústrias rurais ao longo das últimas décadas (sobretudo de 1995 a 2006), nos diferentes produtos analisados. Entretanto, esse movimento não tem ocorrido da mesma forma em Foz do Iguaçu, onde todos os produtos tiveram aumento significativo. O queijo e requeijão, por exemplo, passaram de 45 informantes no ano de 1985 para 58 informantes no ano de 2006. Este aumento também é perceptível para todas as variáveis (quantidade produzida, média de produção e percentual de estabelecimentos produtores). Na quantidade produzida destaca-se o melado, que no ano de 1985 não havia nenhum produtor e, em 2006 ocorreu um salto grande, com mais de trinta mil toneladas produzidas e colocadas a venda nos estabelecimentos comerciais da região. Para entender com mais profundidade os dados apresentado até aqui, dedica-se o próximo capítulo.

5- CARACTERIZAÇÕES DAS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES DE FOZ DO IGUAÇU

Este capítulo trará uma análise das agroindústrias familiares do município de Foz do Iguaçu, procurando compreender alguns pontos importantes desde sua criação, até sua situação atual. Nesse sentido, espera-se diagnosticar alguns fatores que culminam no surgimento, permanência ou desaparecimento deste tipo de empreendimento.

Para perceber a realidade das agroindústrias familiares, foi empregado um questionário semiestruturado (Anexo 01), contendo dezesseis questões, sendo algumas questões abertas e outras fechadas, no município de Foz do Iguaçu, com empreendimentos que produziam diversos produtos, (pães, bolachas, cucas, doces, salgados, geleias, licor e queijos).

Figura 1- Agroindústria de uma das entrevistadas.



Fonte: João Ernesto, 2015.

Todas as propriedades das entrevistadas se enquadram na Lei da agricultura familiar, e produzem diversos produtos para venda em suas propriedades, mas uma das principais fontes é a agroindústria.

Quadro 01. Agroindústrias visitadas nesta pesquisa.

Agroindústria	Tamanho da propriedade (ha)	Produtos	Tempo de agroindústria
Berlanda Colonial	32 há	Panificados, massas, geleias, licores	08 anos
Delicias da Vovó Mailde	20 há	Panificados, massas, doces	15 anos
Itacorá Agroindústria	2,7 há	Panificados e doces	02 anos
Sabores da Roça	2 há	Panificados e salgados	10 meses
Viva a Natureza	1,8 há	Panificados, doces salgados, queijo	01 ano

Fonte: Elaborado pela autora.

Como relatado anteriormente são cinco agroindústrias que serão descritas e analisadas. A primeira agroindústria é “Berlanda Colonial”, criada há 08 anos. Antes de começar nesta atividade a proprietária trabalhava fora do estabelecimento agropecuário, como zeladora de uma igreja, mas sua família sempre teve a propriedade, e optou por desenvolver alguma atividade relacionada ao espaço rural. Nessa direção, foi criada a agroindústria que produz panificados (pão, cuca, bolacha), massas, geleias e licores. A segunda agroindústria “Delicias da Vovó Mailde” existe há mais tempo, pois são 15 anos de atividade, e a proprietária sempre desempenhou atividades no espaço rural. Antes da implementação da agroindústria de panificados, já trabalhava e continua trabalhando com hortas.

Já as outras três entrevistadas têm seu empreendimento há pouco tempo. A “Itacorá Agroindústria” tem 2 anos de existência e a proprietária era bancária antes de começar a atividade. Atualmente produz panificados e alguns doces. A “Sabores da Roça” possui 10 meses e a proprietária anteriormente era dona de casa. Ela e sua família moravam na cidade e passavam o final de semana na propriedade, mas com o decorrer do tempo decidiram ir morar no espaço rural e, como forma de aumentar a renda e desempenhar algum papel na propriedade começaram a trabalhar em uma agroindústria comunitária no lugar onde reside atualmente. No início de 2015, decidiu sair e abrir sua própria agroindústria, a qual produz somente

panificados e alguns salgados, entre as visitadas é a mais recente. A agroindústria “Viva a natureza”, que tem aproximadamente 1 ano e, antes da sua legalização a proprietária já produzia alguns produtos em sua própria cozinha. Atualmente comercializa panificados, doces, salgados e queijo.

Conforme as entrevistas, o conhecimento das proprietárias das agroindústrias para iniciar a atividade veio, em primeiro lugar, através de membros da família, passados de geração para geração, situação semelhante a encontrada por Mior (2005) e Pelegrini e Gazolla (2008) em estudos sobre outras propriedades. A assistência técnica também teve grande importância na fase inicial das agroindústrias estudadas, pois receberam diversas capacitações, orientações e cursos preparatórios, que foram disponibilizados por diversas instituições, como EMATER, CAPA, SENAR e outras.

Figura 2- Produto de uma agroindústria estudada.



Fonte: João Ernesto, 2015.

Uma característica comum nos cinco empreendimentos, já destacado no Capítulo 1, é que a produção é conduzida pela própria família, não contratando mão de obra externa ao estabelecimento. Além disso, merece destacar que, na divisão do trabalho dentro da agroindústria, é predominante a presença das mulheres, que articulam todas as atividades desde a produção até a comercialização. Como comprova Ceretta (2004), na organização do trabalho nas pequenas agroindústrias

familiares há grande participação da força de trabalho feminina e, isto se deve pela tradição passada de geração para geração, de receitas e preparos artesanais no processamento de alimentos. Mas, com o crescimento da atividade e a necessidade de mais mão de obra, novos integrantes do domicílio são acionados. Este processo ocorre na “Berlanda Colonial”, na qual a proprietária tem apoio de dois filhos.

A matéria-prima de todas as agroindústrias segue o mesmo padrão, visto que utilizam tudo o que dispõe dentro da propriedade, como frutas, leites, ovos, e outros. Todas participam de mercados institucionais e por isso devem cumprir com uma dada porcentagem de matéria-prima de dentro da propriedade, mas o restante é adquirido nos mercados locais, como farinha, fermentos e outros. Este fato fica evidente no argumento de Gazolla e Pelegrini(2008, p.110),

na agroindustrialização da produção há, na grande maioria dos processos de processamentos de alimentos e agregação de valor a matéria-prima, a adição de algum aditivo[...] que não há como um agricultor familiar possuir um processo próprio de fabricação, pois o mesmo não detém o conhecimento necessário para tal feito.

A comercialização dos produtos das agroindústrias é feita através da própria família, e também através de associação/ cooperativa. No município de Foz este processo é feito por meio da APROFFOZ/ COAFASO, que são duas instituições que juntas apoiam o agricultor familiar em suas atividades. Os principais locais que comercializam os produtos são as feiras, que muitas vezes são organizadas pela associação/cooperativa. Outra forma de venda dos produtos é dentro da própria propriedade para vizinhos, amigos e parentes. Nesse caso, o que ocorre é a construção social dos mercados, baseados em relações de proximidade e confiança, e o fomento de cadeias curtas de produção e consumo, que beneficiam tanto os produtores como os consumidores (NIEDERLE, WESZ JR, 2008).

Mas, a principal fonte de comercialização os empreendimentos visitados é o mercado institucional, via PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), onde as agroindústrias entregam os alimentos através da COAFASO. Segundo as entrevistadas, elas optaram por aderir a estas políticas públicas, devida a garantia de venda e de ingressos monetários, já que sempre são solicitadas a entregar os produtos através da cooperativa. Também argumentaram como positivo o fato de não haver concorrência com relação dos

preços, já que as taxas pagas pelos produtos é padrão para todos os empreendimentos, (são definidos pela CONAB). Mas, segundo uma família, a quantidade de entrega, via PAA e PNAE, vem diminuindo com o tempo devido ao número de agroindústrias que estão se regularizando, para começar a entregar produtos para as políticas públicas citadas anteriormente.

Em relação à comercialização, foi perguntado se as proprietárias encontravam alguma dificuldade de por os produtos no mercado e, de vendê-los. Das cinco entrevistadas, apenas duas disseram encontrar algum tipo de dificuldade, uma em relação à burocracia, pois sem rótulos nada se pode vender. Fica evidente, na questão da rotulagem, a busca pela qualidade, já que cada vez mais, os consumidores finais estão exigindo produtos com qualidade e, preferencialmente, feitos de maneira artesanal (CERETTA, 2004). E a outra relatou a dificuldade de divulgação dos produtos e a concorrência com as grandes agroindústrias produtoras. Mior (2003) relata, que a “capacidade de negociação, o relacionamento interpessoal e o marketing são características fundamentais para o sucesso desta função”.

As outras três entrevistadas não encontram nenhuma dificuldade perante a comercialização dos produtos. Frente isso, uma das entrevistadas relata:

em relação a comercialização, não encontramos dificuldades, pois aqui em Foz se colocar umas pedras em um pacote e colocar rotulo conseguimos vender (Agroindústria Viva a Natureza).

Na atividade agroindustrial, surgiram algumas dificuldades durante a instalação e manutenção no decorrer dos anos das agroindústrias, as quais apontaram como sendo os principais problemas das agroindústrias. As seguintes dificuldades foram destacadas: desconhecimento do processo produtivo; questões sanitárias, exigências na qualidade do produto, custo elevado, falta de recursos, carência de tecnologia adaptada para pequeno porte e, falta de matéria-prima, (pela sazonalidade dos produtos). Além destas dificuldades, que já estavam descritas no questionário, foram citadas falta de mão-de-obra, já que não se encontra pessoas que queiram trabalhar, e os custos das embalagens dos produtos, pois aqui no município a proprietária paga um preço muito caro e por isso tem que ir a outra cidade para adquirir os produtos com preços mais em conta. Além disso, citam a falta de recursos para aquisição de maquinário, linhas de créditos acessíveis com

juros baixos e prazos longos e, estradas de boa qualidade para escoamento da produção.

Uma destas dificuldades fica evidente na fala de Ceretta (2004) em que as agroindústrias estão passando por processos de transformação, exigidos pelas leis sanitárias e ambientais, as quais cobram uma estrutura física apropriada à atividade produtiva, principalmente na manipulação de alimentos.

Segundo Prezotto (2001) a implementação de agroindústrias rurais de pequeno porte depende de diversos fatores, especialmente daqueles relacionados à sua legalização. Neste caso, são necessários vários tipos de registros, tanto os relativos a forma jurídica da organização do grupo de agricultores, quanto os de ordem sanitárias e ambiental.

Para tentar sanar estas dificuldades, é questionado as entrevistadas se recebem apoio de algum órgão público do município, e todas disseram que sempre têm apoio da EMATER, CAPA, ITAIPU e Secretaria Municipal de Agricultura de Foz do Iguaçu.

Apesar de todas as dificuldades de instalação e manutenção das agroindústrias, todas as entrevistadas se sentem satisfeitas por terem aberto as agroindústrias. Por mais que existam dificuldades, elas destacam os benefícios de se ter um empreendimento desta natureza e por trabalhar com algo tão satisfatório apesar dos problemas. Para elas uma das principais vantagens é o aumento e complementação da renda, pois todas as entrevistadas possuem outra fonte de renda em suas propriedades: uma trabalha com turismo rural, uma com vendas de galinhas caipiras e atividades agrícolas, uma com hortas, e as outras duas, além das atividades dentro do espaço rural conduzida pelos seus maridos, trabalham com atividades não-agrícolas.

As entrevistadas também destacaram o aumento da qualidade de vida, por morarem no campo e trabalharem com o que gostam de fazer, que é cozinhar, produzir alimentos saudáveis e de boa qualidade. Junto com este item vêm as melhores condições de trabalho, pois segundo elas podem trabalhar quando querem e como querem, sem ter um patrão para impor horários e condições de trabalho.

Outro fator importante mencionado é a agregação de valor, a diversificação dos produtos, e a produção “mais natural”, já que é um diferencial das agroindústrias os produtos serem caseiros e serem feitos de forma artesanal, com muito cuidado para manter a qualidade na hora do preparo. Mior (2007, p. 9), ao

tratar sobre a diversificação dos produtos e sua agregação de valor, afirma que:

A agregação de valor do conjunto das agroindústrias familiares, em sua maior parte constituída em bases artesanais abrange uma grande diversidade de produtos como grãos, mel, leite e derivados, conservas, derivados de cana-de-açúcar, doces e chimias derivados de frutas, sucos de frutas, chás, avicultura de corte e postura, derivados de carne suína. Esta característica pode ser mobilizada para contrabalançar, pelo menos em parte, a tendência à especialização dos sistemas convencionais de produção.

As características descritas acima criam a facilidade na venda, pois os produtos segundo as entrevistadas são de qualidade e trazem um gosto caseiro, gosto da roça e, também, por todos os produtos serem identificados com rótulos. Para Pettan et.al. (2005) a qualidade destes produtos típicos resulta de uma estreita relação entre o “saber-fazer” e as características das distintas zonas agroclimáticas existentes no território nacional, que propiciam sabores, cores e aromas únicos.

Com a análise dos dados coletados através das entrevistas, podem-se auferir alguns comentários sobre os resultados dos Censos Agropecuários, analisados no capítulo anterior, onde o principal fator notado foi o aumento das agroindústrias no município, diferente das demais escalas analisadas.

Nessa direção, surgem algumas hipóteses que podem ter feito com que o número de agroindústrias aumentasse em Foz do Iguaçu. Um deles está relacionado às políticas públicas acessadas pelos integrantes destes empreendimentos. Como ficou evidente nas entrevistas, é fundamental a facilidade com que as agroindústrias conseguem aderir a programas como PAA e PNAE através da cooperativa COAFASO, que disponibiliza todo o auxílio para inserção das mesmas no mercado institucional. A permanência neste mercado se dá pela garantia de todo mês ter a renda dos produtos adquiridos pelas políticas e por ter um preço garantido, o que traz certa segurança para as entrevistadas e incentivos a continuarem produzindo.

Outro fator que deve ser levado em conta é o turismo, já que Foz do Iguaçu é um município onde uma parte expressiva de sua economia está voltada para este segmento, e isso facilita na comercialização dos produtos das agroindústrias familiares a diferentes públicos, o que tem um papel importante na manutenção destes empreendimentos. Como comentado, todas as entrevistadas

estão associadas à APROFFOZ, uma instituição local que auxilia na comercialização dos produtos, através de centro de comercialização localizado em um terreno doado pela prefeitura na Avenida das Cataratas, ponto estratégico já que todos que vão visitar os pontos turísticos localizados naquela região da cidade sempre passam pela frente. Não se pode esquecer ainda, daqueles clientes residentes da cidade que optam por levar para casa produtos saudáveis e produzidos pela agricultura familiar da região, fomentando a economia local.

A qualidade de vida aparece nas entrevistas como um fator de alta importância para a permanência e surgimento de novas agroindústrias, visto que a atividade de agroindustrialização dos produtos agropecuários traz melhores condições de renda e de trabalho para as famílias das agroindústrias, já que fazem o que gostam, trabalham em casa, perto de seus familiares, e por não dependerem de uma carga horária regada por hierarquia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agroindustrialização dos produtos agropecuários não é um processo recente utilizado pelos agricultores familiares, fazendo parte da trajetória histórica deste grupo social. Entretanto, esta atividade vem sofrendo algumas mudanças conforme a sociedade se transforma. Atualmente, como apontam diferentes autores, a agroindústria familiar, possui um papel de grande importância para os agricultores, já que a mesma atua como estratégia de agregação de valor ao produto agropecuário, geração de renda, manutenção da família no espaço rural, valorização da agricultura familiar, agregação de valor ao produto agropecuário.

Estas vantagens estimularam os agricultores familiares a investir nesta atividade, e isso ficou evidente quando se analisa os Censos Agropecuários (de 1975, 1985 e 1995/96), onde os números de estabelecimentos aumentavam em diferentes escalas (Brasil, Região Sul, Paraná, Extremo Oeste e Foz do Iguaçu). Mas surge uma particularidade no Censo de 2006, onde há uma relevante queda em diferentes níveis geográficos (com exceção da esfera municipal). Pelo que a pesquisa bibliográfica e de campo indicam, isto pode estar atrelada as dificuldades enfrentadas pelas famílias na manutenção de seus empreendimentos, onde enfrentam diversos problemas, como a legislação vigente (sobretudo sanitárias), exigências na qualidade do produto, custo de produção elevado, falta de recursos para investir na melhoria do empreendimento, carência de tecnologias adaptadas ao pequeno porte, falta de matéria-prima, pressão das grandes agroindústrias, entres outros.

No município de Foz do Iguaçu este processo ocorre em sentido contrario, pois no último Censo Agropecuário 2006, o município tem um aumento no número de agroindústrias familiares. Através dos questionários aplicados, podem-se perceber algumas vantagens que foram de suma importância para que as mesmas surgissem ou ainda conseguissem manter-se perante as mudanças ocorridas na sociedade.

As principais vantagens encontradas para permanência das agroindústrias foram: aumento da renda, ampliação da qualidade de vida, que vem acompanhada com melhores condições de trabalho, já as mesmas trabalham em suas próprias propriedades. Outro fator importante é a agregação de valor e a diversificação dos produtos, já que os produtos das agroindústrias se diferenciam

pelo fato de serem caseiros e preservarem características artesanais e manterem a qualidade de todos os produtos na hora do preparo. Estes fatores se aliam a facilidade de comercialização dos produtos. Este último ponto, fundamental para que os empreendimentos se mantenham em atividade, esta atrelada ao incentivo de políticas públicas, sobretudo PAA e PNAE, que facilitam a abertura de mercados institucionais. Outro fator que deve ser levado em conta é que o município de Foz do Iguaçu possui um grande centro urbano (próximo de Ciudad del Leste e Puerto Iguazu) e é um dos principais pontos turísticos do país, atraindo muitos turistas, o que amplia o número de potenciais consumidores e gera maior facilidade de comercialização dos produtos.

Em suma, este estudo apontou para um movimento recente de redução do número de agroindústrias familiares no país, não obstante a importância desta atividade enquanto estratégia de desenvolvimento rural. Foz do Iguaçu se diferencia desta tendência ao deter um crescimento no número de empreendimentos, cujo motivo pode estar atrelado à proximidade de um grande número de consumidores (seja do centro urbano municipal, cidades fronteiriças ou de turistas) e da presença de organizações da agricultura familiar que fazem a ponte entre os produtores e o mercado (sobretudo institucional). Em nível municipal a ampliação das pequenas agroindústrias rurais é de grande relevância por colaborarem na manutenção e valorização da agricultura familiar local, contribuindo para o aumento da renda, e no fomento à economia local, transformando a realidade socioeconômica das famílias que praticam esta atividade e dos consumidores, que podem acessar produtos de qualidade diferenciada.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2ª edição, Campinas, SP: Hucitec, 1998. Coleção Estudos Rurais, 275p.
- ALVES, Daniela Rodrigues. INDUSTRIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO LEITE DE CONSUMO NO BRASIL. In: MADALENA, Fernando Enrique et al. **Produção de leite e sociedade: uma análise crítica da cadeia do leite no Brasil**. Belo Horizonte: Fepmvz, 2001. Cap. 4. p. 78-83.
- CERETTA, Gilberto Francisco. **As Pequenas Agroindústrias Familiares do Sudoeste Paranaense: Um enfoque gerencial**. *Faz Ciência*, Francisco Beltrão, v. 1, n. 6, p.333-352, 2004.
- CESAR, Marco Antonio Azeredo et al. **Pequenas indústrias rurais de cana-de-açúcar: rapadura, melado e açúcar mascavo**. 2003. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/Pequenasindustriasmurais_000ft7j8ao102wyiv80ukm0vf70megy1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.
- EMATER. **Programa Fabrica do Agricultor**. Disponível em: <http://www.emater.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=80> Acesso em: 15 out. 2015.
- GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro**. UNICAMP: Instituto de Economia, Série Pesquisas, 1999.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário**, 1975.
- _____ **Censo Agropecuário**, 1958.
- _____ **Censo Agropecuário**, 1995/96.
- _____ **Censo Agropecuário**, 2006.
- MALUF, R. S. **Mercados Agroalimentares e a Agricultura Familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais**. Ensaio FEE. Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 299-322, 2004.
- MEC. **Doces e geleias**. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/publica_setec_doces_geleias.pdf>. Acesso em: 12 out. 2015.
- MIOR, L. C. **Agricultura familiar, agroindústria e desenvolvimento territorial**. Florianópolis: [UFSC], 2007. Colóquio Internacional sobre Desenvolvimento Rural Sustentável.

MIOR, L. C. **Agricultura familiar, agroindústria e redes no desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005.

PANIFICAÇÃO: Os ingredientes enriquecedores. Os ingredientes enriquecedores. **Revista Fi**, Brasil, p.22-22, 2009. Disponível em: <<http://www.revista-fi.com/materias/114.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

PELEGRINI, G.; GAZOLLA, M. **A agroindústria familiar no Rio Grande do Sul: Limites e potencialidades a sua reprodução social**. Frederico Westphalen/RS: Editora da URI, 2008.

NIEDERLE, P. WESZ JUNIOR, V. **Agroindustrialização e agricultura familiar: novas dinâmicas de desenvolvimento rural na região das Missões**, RS. Revista Geo UERJ, Ano 9, nº 17, vol. 2, 2º semestre de 2007.

PELLIN, Valdinho et al. **TERRITORIALIDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA PRODUÇÃO DE EMBUTIDOS ARTESANAIS, NO VALE DO ITAJAÍ - SC**. In: V SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA & POLÍTICA, 4., 2014, Curitiba. **Anais do V Seminário Nacional Sociologia & Política**. Santa Catarina, 2014. p. 1 – 12

PETTAN, Kleber Batista et al. **ANÁLISE COMPARATIVA DO DESEMPENHO DA COMPETITIVIDADE DAS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES NO OESTE DE SANTA CATARINA EM RELAÇÃO AO AMBIENTE INSTITUCIONAL**. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Santa Catarina, v. 23, n. 3, p.1-16, dez. 2005. Disponível em: <<http://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/8664>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

PRADO, J. C. **História econômica do Brasil**. 41. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 364p.

PREZOTTO, L. L. **A agroindustrialização de pequeno porte: higiene, qualidade e aspectos legais**. **Agropecuária Catarinense**, v. 10, n. 04, 1997.

PREZOTTO, L. L. **Principais procedimentos para registrar uma pequena agroindústria**. Ministério de Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. Brasília, jan de 2001.

PREZOTTO, L. L. **Uma concepção de agroindústria rural de pequeno porte**. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis. n. 31, p.133-154, 2002.

SCHNEIDER, S: **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

WANDERLEY, M. N. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar: realidade e perspectivas**. 2. Ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

WESZ JUNIOR, V. J. **O perfil e a configuração estrutural das propriedades com agroindústrias familiares em nove municípios do noroeste gaúcho. Monografia pelo Curso de Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial - UERGS, São Luiz Gonzaga, RS, 2006.**

WESZ JUNIOR, V. J. LOVIS, I. C. FILIPPI, E. E. **Os reflexos das agroindústrias familiares para o desenvolvimento das áreas rurais no Sul do Brasil. Javeriana**, Bogotá, v. 6, n. 63, p.59-85, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/desarrolloRural/article/view/10191>>.

Acesso em: 10 out. 2015.

WILKINSON, J. **Cadeias produtivas para a agricultura familiar. Organizações Rurais e Agroindústrias**. Revista de Administração da UFLA, v. 01, n° 01.

ANEXO A**QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM AS AGROINDÚSTRIAS****IDENTIFICAÇÃO**

Nome: _____

Estado civil: _____

Escolaridade: _____

Local: _____

1- Qual o tamanho de sua propriedade?

2-Quando formou a agroindústria?

3- A agroindústria possui nome, rótulo/embalagem:

 Sim Não.

Qual? _____

4- Qual(is) o(s) produto(s) que produzem?

5- A produção é familiar; individual cooperativa assiciação-grupo

6- O conhecimento para iniciar a atividade:

 é proveniente de sua experiência de membros da família repassado pela EMATER outros.

7- Com qual atividade se envolvia antes do surgimento da agroindústria?

8- De onde vem a matéria utilizada na produção dos produtos?

9- A comercialização é feita:

 pela própria família por intermediário

() por alguma associação/cooperativa

() outros

9- Principais locais onde são comercializados os produtos:

() Feiras

() Mercado Institucional (PAA, PNAE, etc.)

() Comercialização na propriedade

() Venda em domicílio

() Vendida ou entregue a cooperativa

() Pequenos e médios estabelecimentos comerciais

() Outros espaços

10- Recebem apoio de alguma instituição local?

11- Participam de alguma política pública para comercializar os produtos? Qual?

12-Quais as dificuldades enfrentadas na comercialização dos produtos?

13- Quais das dificuldades seguintes foram encontradas para instalação e na manutenção da agroindústria?

() desconhecimento do processo

() sanitárias

() exigências na qualidade do produto

() custo

() falta de recursos

() falta de tecnologia

() falta de matéria-prima

() acesso a mercado

() marco legal (tributário, trabalhista, previdenciário, etc.)

() organização interna

() Outros. Quais? _____

14- A agroindústria possui nome, rótulo/embalagem:

() Sim () Não.

Qual? _____

15- Com a implantação da agroindústria, pode-se dizer que aumentou a renda familiar: () Sim () Não

16 – Quais as principais vantagens de possuir uma agroindústria?

- () aumento da renda
- () qualidade de vida
- () agregar valor ao produto
- () melhores condições de trabalho
- () facilidade na venda
- () Outros